

Se algum dia em meu país
O voto livre existir,
Talvez que eu ainda vóte
N'aquêlê que me convir.
Bôa noite. N'esse assunto
Não desejo me expandir.

O ENTERRO DA JUSTIÇA

No theatro d'este mundo
Que vive n'uma babel,
Cada typo que melhor
Queira mostrar seu papel,
Eu, que tambem sou actor,
Com o direito de escritor,
—Que é minha profissão—
Minha penna fraca movo
P'ra vender queixas ao povo
E dar minha opinião.

A justiça, meus senhores,
Era uma Deuza e vivia
No tempo em que todo povo
Oria na mythologia;
Os antigos a adoravam
O seu retrato pintavam
Com uma venda nos olhos...
Perém... quem nasceu vendada
Já cegou não vê mais nada,
Cahio em fundos abrolhos!...

No tempo de Talião
inda vivia a justiça,

Perém ella, n'esse tempo,
Ainda era noviça;
Mas foram os dias correndo
E ella foi envelhecendo
Até que ficou caduca:
Muitos já não crêem n'ella
E eu garanto que ella
E' idiota, ou maluca!

Quando a justiça era viva
Perseguia ao assassino;
O homem que matasse outro
Teria um igual destino
Os que não fôsem enforcados,
Seriam tão castigados
Que de exemplo serviriam;
Os ladrões, os mal feitôres,
Os judas, os seductores,
Impunes não ficariam.

Que os povos tinham direitos,
Isto era hontem, não hoje;
Que o fantasma da justiça
Com mêdo do crime foge;
E os grupos de criminosos,
Hoje são tão numerosos
Que assombram a humanidade!
Rouba-se publicamente,
E hoje matar-se gente
Já não é mais novidade!

Antigamente os larapios
Tinham o nome de ladrão;
Nunca um d'esses patifes

Deixou de soffrer prisão!
Um gatuno hoje é um quenguista,
Um ladrão é um artista,
Não rouba—dá um desfalque!
Se esse typo encontra um cofre
O proprietario soffre
Porque é medonho o saque.

Predomina actualmente
A falsa Deusa politica,
Essa mulher desbriáda
Que é sempre o alvo da critica,
O politico—homicida—
E' qual vampiro que a vida
Sorve ao pôvo, gole a gole;
Quando um governo é mudado
O pôvo diz, enganado:
—Talvez este não me esfole...

Eu já vi um eleitor
Chaleirar tres candidatos
Porque estes o cabalaram
Com promesssas e aparatos;
Porém depois da eleição
Elle teve precisão,
E, com a cara mui feia,
Pedi um emprego aos chéfes
Estes deram-lhe uns tabefes
E o butaram na cadeia!

Quem apanhar hoje em dia
E' quem fica criminoso
Quando o que dá é mandado
Por um santo *milagroso*,

Se o infeliz que apanhar,
A' policia se queixar
Apanha a segunda vez,
E se não ficar calado,
Contrito e bem comportado,
Veze não apanha só três!...

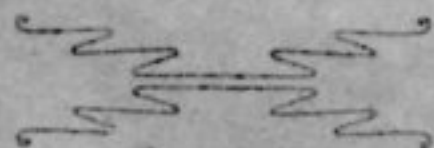
O homem que matar outro,
Inda sendo p'ra roubar,
Não é preciso esconder-se
Porque é facil se livrar;
Meta a mão na *bruáca*
E puxe meia pataca,
Compre quatro advogados.
Estes, que são mui felizes,
A vintem comprem juizes
E a dez réis comprem jurados.

Quem tiver hoje uma casa
E a decima não pagar,
Nosso senhor—o governo--
D'ella ha de se apossar.
E ao ser o desgraçado
De sua casa expulsado,
Não sorria fique serio,
Não faça nem cara feia,
Se não quer ir p'ra cadeia.
Ou então p'ra o cemiterio.

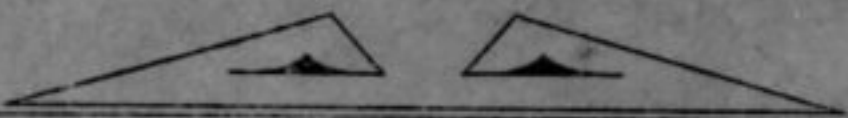
Diz o pôvo que o direito
Deve dar-se a quem o tem.
E eu digo que o pôvo
Por certo não pensa bem,
Pois, quem já tem não carece,

Deve dar-se a quem merece
O direito ou a razão!...
Embora eu caia no abysmo,
Não me curvo ao despotismo,
Nem adoro ao Deus Milhão!

Leiam a **Lira do Peeta**, livro de poézias escolhidas de poetas celebres
E' o unico livro de versos em lingua portugueza em que se
encontram a poezia e a sua paródia.



8426



FRANCISCO DAS CHAGAS BAPTISTA

VENDE LIVROS DE LITTERATURA, POEZIAS E MANUAES ETC.

Joias, bijouterias e relógios de algibeiras

PREÇOS IGUAES AOS DO RECIFE

65—Rua da Republica—65

PARAHYBA

